

Abatido, ACM busca maneira de ganhar tempo



Solidariedade

A ex-diretora do Prodasen recebeu manifestações de apoio para o confronto com ACM e José Roberto Arruda no Senado. Cerca de 50 faixas,

a maioria encorajando Regina Borges, foram colocadas na Esplanada dos Ministérios, pela Social Democracia Sindical, ligada ao PSDB.

GERSON CAMAROTTI

BRASÍLIA – Na noite de quarta-feira, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) era um homem ferido. Reunido em seu apartamento, na Asa Sul de Brasília, com assessores e alguns amigos, o principal líder político da Bahia não escondia a sua mágoa e espanto com a repercussão do caso da violação do painel de votação do Senado. ACM ficou estudando até tarde da noite todos os detalhes para a acareação de ontem, no Conselho de Ética do Senado.

Apesar de abatido, o senador baiano deu a senha de que não pretende desistir da vida pública, mesmo com uma provável abertura do processo de cassação contra ele. Ao ser indagado por um amigo sobre qual tinha sido o impacto em sua vida depois que saíram as primeiras notícias sobre o escândalo político no Senado, ACM foi econômico e direto: “Para quem, como eu, perdeu um filho, tudo mais que pode acontecer é coisa menor.”

Recolhido – Ontem pela manhã, ele não saiu de casa. Recebeu uma visita do governador da Bahia, César Borges (PFL), e do prefeito de Salvador, Antônio Imbassahy (PFL). Depois, ficou reunido com alguns advogados, assessores e publicitários.

“ACM era um misto de perplexidade e revolta”, resumiu um interlocutor próximo do senador pefelista. Em vários momentos, ACM repetia que estava sem entender o motivo pelo qual estava recebendo um tratamento tão hostil da mídia.

Antes de ir para a acareação, ele almoçou com o advogado Márcio Thomaz Bastos. Com a sessão de ontem, a estratégia de ACM agora é de tentar ganhar tempo para reverter sua frágil situação no Conselho de Ética e no plenário do Senado. Segundo a avaliação de um integrante da Executiva do PFL, ACM só tem 5 dos 16 votos do Conselho.

No plenário, a situação é ainda mais difícil. O PFL avalia que já existem 53 votos favoráveis à cassação. Se não conseguir evitar este processo, avaliam políticos carlistas, ACM deverá renunciar para não perder os direitos políticos por oito anos.